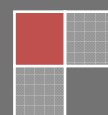


2000

Um Dia de Trabalho

Miguel Vale de Almeida
MIGUELVALEDEALMEIDA.NET
2007



Um dia de trabalho.

Eurípides sente-se feliz. Todas as manhãs olha-se ao espelho durante mais tempo do que ela própria considera normal. Gosta de contemplar a sua pela acobreada; os olhos esverdeados; os cabelos arruivados, mais lisos do que os das suas vizinhas de rua e colegas na escola. Nove anos em Portugal, servindo em casas durante o dia, e tirando o nono ano à noite. Sozinha. Com o filho Franklin crescendo, em Cabo Verde, com os avós. Cada fotografia que chegava mostrava-o mais alto, mais forte, mais bonito. Também o mostrava mais negro, como se a cor fosse sendo curtida e saturada com o crescimento. Mas ela encolhia os ombros e sorria. Paciência: apesar de tudo era o seu filho, o seu único filho, resultado de um acaso infeliz, mas para quem trabalhara como uma escrava (“sim, como uma escrava”) e sofrera o frio do inverno no interior de Portugal. Agora estava de volta. De volta ao calor, ao crioulo da rua, aos passeios na praça nos fins de tarde de domingo. Mas, sobretudo, estava de volta com outro estatuto: agora era professora na escola primária. Era respeitada. Para trás ficava a vida de trabalho em miúda, de redor do milho ou vendendo no mercado; a vida da emigração, com aspiradores e fraldas. Agora, todas as manhãs, vestia-se apuradamente, colocava a mala a tiracolo, e dirigia-se para o edifício da escola. Quarenta crianças esperavam-na e ela cumpria a função com todo o rigor. Havia mesmo quem dissesse que com rigor a mais: as crianças não podiam mexer-se nas cadeiras, não havia chichi para ninguém até à hora do recreio e aí de quem fosse apanhado a falar crioulo nas aulas. Isso, para ela, não era coisa de escola. Escola é português, português é escola. “Ai não que não é”, a sua frase favorita, aprendida de uma “senhora” em cuja casa servira.

Quando sai da casa de banho, Eurípides aquece um resto de catchupa de domingo, junta-lhe uma salsicha e um ovo estrelado: é o pequeno almoço do Franklin. Dirige-se à sala, onde este dorme no sofá, desliga a televisão que ele tem por hábito deixar acesa, e acorda-o sempre com a mesma frase, em crioulo: “Vá, horas de trabalhar”. Franklin geme, resiste, mas acaba por levantar-se quando a mãe abre as portadas e deixa a claridade entrar. O rapaz iça os joelhos para esconder da mãe a erecção matinal. Espera um pouco. Afasta o lençol, coloca os pés no chão, ergue-se espreguiçando. A mãe dá-lhe pelo peito. Quase. Despedem-se e, enquanto Eurípides se encaminha para a escola, Franklin dá início ao seu dia de trabalho. Ou o que ele e a mãe convencionaram chamar “trabalho”.

*

Franklin trabalha? Para todos os efeitos, sim. Hoje, por exemplo, sai de casa em direcção a uma vivenda no Plateau onde mora uma professora francesa. Constance chegou de Bordéus há três meses e ensina francês no Instituto. Partilha a vivenda com uma colega, Renée. Constance tem pouco mais de vinte anos, e acha delicioso viver em Cabo Verde: dorme até ao meio dia, não precisa de preparar muito as aulas, toma banhos de mar e à noite bebe muito com os outros franceses ou assiste a tocatinas em casas de caboverdianos que convidam os estrangeiros. Já teve alguns casos com caboverdianos: nunca consegue esquecer, nessas vezes, que está a dormir “com um caboverdiano” e isso dá-lhe um prazer imenso. E é também isso que faz com que no dia

seguinte lhe diga que tem um noivo em França. Já Renée é diferente: tem quarenta anos, já viveu um pedaço, não quer nada com os caboverdianos, e diz que está farta de tudo e a pensar em escrever um romance.

Franklin cuida-lhes do jardim. Gasta uma quantidade - para ele escandalosa - de água, para manter vivas as flores. Corta o capim. Arranca as ervas daninhas. Como extra dá de comer aos gatos, uma multidão de gatos, que as francesas fazem questão de adoptar. A meio da manhã, Constance aparece no jardim com um sumo de tamarindo para Franklin. Ele preferiria cerveja, mas aceita o sumo. Senta-se num degrau do acesso da casa ao jardim. Constance senta-se ao seu lado.

- Logo à noite a Renée e eu vamos à pizaria. Chega um amigo nosso francês. Queres vir? Ele havia de gostar de conhecer caboverdianos.

Franklin termina o sumo. Há sempre um amigo que gosta de conhecer caboverdianos. Há sempre um francês a chegar. Ou um português. Ou um italiano. Chegam, ficam um pedaço, conhecem uns caboverdianos, passeiam-se com os respectivos amigos europeus e um nativo que serve de guia e depois vão embora. E o ciclo recomeçará quando Constance e Renée forem embora, satisfeitas e fartas das ilhas e outras duas chegarem, para ensinarem francês.

Franklin aceita. Nunca se sabe o que pode acontecer. O francês pode precisar de um guia para dar a volta à ilha. Quando sai da vivenda, Franklin vai até ao aeroporto. Fica à coca dos táxis que chegam e oferece-se para descarregar as bagagens. Tem que bater a concorrência, mas isso não é difícil, pois os outros são quase todos miúdos. Uns turistas portugueses chegam e ele arranja-lhes um táxi. Mais uns trocos. O taxista, seu primo remoto, dá-lhe boleia para baixo. Diz-lhe que tem que ir ao hospital à tarde e propõe-lhe ficar com o táxi durante umas horas. Dez por cento dos lucros para Franklin. Ele aceita. Um dos clientes, um italiano ensimesmado, paga-lhe para o levar até à Cidade Velha. Graças a uma visita da escola onde a mãe trabalha e que ele acompanhou, Franklin faz também de guia. Mais uns trocos. Ao fim da tarde devolve o táxi ao primo. Vai ao café ver o jogo de futebol entre o Boavista e o Marítimo. Não lhe apetece torcer por nenhum, aborrece-se e vai para casa. Eurípides está já a passar a ferro. Uma camisa branca. Vestirá essa para ir à pizaria.

*

A pizaria pertence a um francês. As empregadas são jovens francesas, familiares do dono, ou “globe trotters” de passagem. O menu está em francês. Sentam-se à mesa Constance e Renée, Franklin e o recém-chegado. Marcel é um jovem universitário. Mora no Senegal onde, como cooperante, cumpre o serviço cívico como objector de consciência. Decidiu fazer umas férias em Cabo Verde, pois todos os Europeus em Dakar diziam que é como fugir de África durante uns dias. Passeou pelas ilhas e achou-as fascinantes. Mas agora está cansado: muitos barcos em mar bravo, aviões de meter medo, o assédio ao europeu por parte das raparigas. Relaxa quando começa a perceber que está num ambiente de exilados franceses. Encomenda a comida em francês. Fala em francês com as amigas. Subitamente já não está a dizer maravilhas sobre Cabo Verde, mas sim como, feitas as contas, a França é o melhor país do mundo, as francesas são indiscutivelmente as mulheres mais bonitas e que há um “je ne sais quoi” na maneira francesa de viver que não se encontra em mais parte alguma. Franklin gira o copo de vinho entre os dedos. Está cansado. Mal percebe o que os outros dizem. Abstrai-se. Olha à sua volta e, de repente, uma parte qualquer de si diz-lhe: “és o único preto neste sítio e toda a gente está a olhar para ti”. Bebe o copo de vinho de um só trago. E depois

outro. Constance ri duma piada de Marcel. Este passa-lhe a mão no rosto. Renée faz uma careta e levanta-se para pedir a conta.

*

Estão os quatro encostados ao balcão esperando que o dono da pizzeria lhes apresente a conta. Em vez de um só papel, há quatro ou cinco, relativos a pratos, bebidas, extras. Franklin, fazendo o papel de nativo anfitrião, pega nos papéis e verifica os preços. Num momento de distração - e vários copos de vinho no curriculum - deixa cair um dos papéis no chão. O dono da pizzeria vira-se para ele. É o olhar do falcão. Grita em francês:

- Tu pensas que me enganas, é? Olha que eu conheço muito bem os vossos esquemas!

Franklin fica atónito. De boca aberta. Os franceses ficam mudos. Nem um gesto. Franklin só reage perguntando o que se passa.

- Vi-te deitar um papel fora, não penses que me enganas! E não te armes em inocente! É sempre a mesma coisa, vêm para aqui, comem e bebem do melhor, tudo pago pelos outros e depois ainda me querem passar a perna. Partia-te a cara, se não fosse estarem aqui estes amigos!

Os amigos, mudos. Marcel afasta-se um pouco. Suspira. Já colocou o dinheiro sobre o balcão e sugere, em voz baixa, que saiam rapidamente. Mas Franklin treme, gagueja. Não se irrita. Tenta explicar o que se passou ao dono da pizzeria. Este continua a gritar. Os franceses encaminham-se para a porta.

- Anda, vamos, deixa - diz Constance, que o puxa gentilmente por um braço.

Franklin deixa-se arrastar. Não tem o passo firme. O dono da pizzeria ainda grita “E não tornes a pôr aqui os pés, tu ou os da tua laia!”.

À saída é Marcel, o recém-chegado, que repara num poster oferecido ao restaurante pelo instituto onde as francesas trabalham. É um mapa do mundo assinalando os países da Francofonia. No meio do Oceano, lá está Cabo Verde.

- Tiens! - diz Marcel.

*

Composto o cabelo, ajustada a bata branca, Eurípides dirige-se para a sala, desliga o televisor, abre as portadas da janela e proclama: “Vá, horas de trabalhar”. Franklin, que acordou sem uma erecção matinal, não afasta o lençol. Vira-se para o lado e afunda a cabeça na almofada.